



SEÇÃO ARTIGOS LIVRES

Análise da imagem corporal e prática de atividade física de pessoas com deficiência visual em Teresina – PI

Analysis of body image and physical activity of people with visual impairment in Teresina – PI

Suyanne de Aquino Melo¹

Renata da Costa Silva²

Mara Jordana Magalhães Costa³

Marcela Araujo Sá Nogueira⁴

RESUMO

OBJETIVO: Analisar a influência da Atividade Física na autopercepção da Imagem Corporal de pessoas com deficiência visual em uma Instituição de Teresina-PI **MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, com corte transversal e de abordagem quantitativa. A amostra foi selecionada de forma não-probabilística, por conveniência. Participaram 32 indivíduos, com idade de 18 a 63 anos, que possuíam deficiência visual. Utilizou-se um questionário semiestruturado, adaptado dos questionários dos estudos de França e Azevedo e Cooper, o Questionare-BSQ. Além disso, foi utilizada a Escala de Silhuetas de Stunkard, Sørensen e Schulsiger. As análises estatísticas utilizadas foram por meio da estatística descritiva e do teste de qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% e as análises foram realizadas no software STATA 12.0. **RESULTADOS:** Os indivíduos apresentaram insatisfação com autopercepção da imagem corporal (87,50%), e ao associar a autopercepção da imagem corporal e o sexo não foram observadas associações estaticamente significativas ($p=0,3$), porém o percentual de mulheres (93,75%) insatisfeitas foi maior do que o dos homens (81,25%). Não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre a prática de atividade física e a satisfação com a autoimagem corporal ($p=0,4$). **CONCLUSÕES:** As pessoas com deficiência visual avaliadas estão em sua maioria insatisfeitas com sua imagem corporal e a prática da atividade física não mostrou associação com a IC no público avaliado.

Palavras-chave: Imagem corporal. Deficiência visual. Exercício físico.

1 Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Graduada em Licenciatura em Educação Física (UFPI)
E-mail: suyannezinhaam@gmail.com

2 Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
Especialista em Fisiologia do Exercício e Treinamento Personalizado (UNIFSA)
E-mail: renatamedeirosilva1986@gmail.com

3 Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: marajordanamcosta@gmail.com

4 Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Mestre em Ciências e Saúde pela UFPI
E-mail: marcelaaraujosaa@hotmail.com



ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze the self-perception of body image of people with visual impairment in an institution in Teresina-PI and to relate it to the practice of physical activity. **METHODS:** This is a descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach, the sample being selected in a non-probabilistic way, for convenience. 32 individuals aged 18 to 63 years, who had visual impairment, participated. A semi-structured questionnaire was used, adapted from the questionnaires of the studies by França and Azevedo and Cooper, the Questionnaire-BSQ. In addition, the Stunkard, Sørensen and Schulsiger Silhouette Scale was used. The statistical analyzes used were by means of descriptive statistics and the chi-square test. The level of significance adopted was 5% and the analyzes were performed using the STATA 12.0 software. **RESULTS:** The results showed that individuals were dissatisfied with self-perceived HF (87.50%) and when associating self-perception of HF and sex, no statistically significant associations were observed ($p = 0.3$), however the percentage of dissatisfied women (93.75%) was greater than that of men (81.25%). No statistically significant association was found between the practice of physical activity and satisfaction with body self-image ($p = 0.4$). **CONCLUSIONS:** The visually impaired people evaluated are mostly dissatisfied with their body image and the practice of physical activity showed no association with HF in the evaluated public.

Keywords: Body image. Visual impairment. Physical exercise

1. Introdução

O corpo concretiza a existência e a expressão da personalidade de cada indivíduo. Visto como meio de comunicação, o corpo percebe e interage com tudo que está em sua volta. O corpo vai muito além da fala pura e simples, ele é um lócus de comunicação. Para Gaiarsa (2002), ouvi-lo e enxergá-lo é perigoso na medida em que pode comprometer valores, principalmente, os sociais. Mas, o que se observa é que muitas pessoas não procuram escutar a si mesmas e, com isso, acabam sendo influenciadas pelo meio externo.

Ademais, além dessa interação da pessoa com o social, o corpo também é responsável pela interação do indivíduo consigo mesmo. Por meio da imagem corporal (IC) é possível que ocorra a feição do próprio corpo, estruturada e formada na mente. A IC é, portanto, o modo como o indivíduo assimila seu corpo, sendo essa imagem formada de maneira subjetiva (NASÁRI; ERNEST, 2012; SILVA; VENDITTI JÚNIOR; MILLER, 2004).

Ainda nesse contexto, a IC consiste em um conjunto de componentes que se relacionam de forma multidimensional, descrevendo aspectos da aparência das estruturas corporais, seja em relação ao próprio indivíduo ou a outras pessoas. Sua formação e desenvolvimento são influenciados por diversos fatores, tais como: culturais, sociais, neurológicos e psicológicos (MORAES; MIRANDA; PRIORE, 2018). Assim, a construção da IC vai muito além da forma como o indivíduo se enxerga, ela está relacionada com o contexto social.

Atualmente, o padrão de beleza estampado nas imagens midiáticas é: corpo magro, musculoso, pernas torneadas e abdômen definido. Devido essa imposição e padronização



inexplicável que se faz do corpo, as pessoas estão cada vez mais preocupadas em atingir esse corpo ideal, o que acaba incorrendo em uma frustração com sua IC, uma vez que corpo perfeito é irreal e pode ser inatingível (TINOCO et al., 2016). Em decorrência, é comum que distúrbios psicológicos ocorram, tendo em vista os sacrifícios exagerados que são realizados em busca do corpo perfeito.

Para se construir uma percepção da IC, deve-se considerar que é de suma importância às informações do meio externo, pois são as experiências vivenciadas em determinado ambiente que nos ajudam a construção (PERES et al., 2015). O sentido visual é responsável por esse conhecimento do mundo exterior.

As pessoas com deficiência visual não conseguem usufruir de tal recurso para criarem sua IC, precisando, assim, utilizar os outros sentidos para sua idealização, como por exemplo, sentidos táteis, auditivos e de propriocepção, podendo assim haver distorção das representações corporais desses indivíduos (FRANÇA; AZEVEDO, 2003; PERES et al., 2015). Para Aciem e Mazzotta (2013), a pessoa com deficiência visual tem a percepção de si e do seu entorno modificada em função de que as informações adquiridas são reduzidas e sua representatividade é limitada.

Martins, Bert e Borges (2016) calculam que no mundo existem cerca de 256 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 39 milhões cegas e 217 com deficiência moderada ou severa; do total de todos estes, em torno de 81% são indivíduos com 50 anos ou mais de idade. Segundo a Classificação Internacional de Doenças-10 (CID-10), existem quatro níveis da função visual: visão normal; deficiência visual moderada; deficiência visual severa; e cegueira (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1997).

Pessoas que nasceram com deficiência visual nunca viram a própria imagem e utilizam a percepção tátil para a construção da IC. A conformação pela cultura é assim bastante distinta, pois, para essas pessoas, a ideia de magreza e beleza é particular, sendo, possivelmente, internalizada de forma única e distinta dos indivíduos que possuem a visão (PERES, 2015).

Para Morgado *et al.* (2017), o corpo com deficiência só se delineia quando conferido com uma representação do que seria um corpo sem deficiência. Nesse contexto, ao contrário do que se pensa, não há como se referir para um corpo com deficiência como anormal, já que a anormalidade é um julgamento estético e, por conseguinte, um valor moral sobre o estilo de vida.

Na ausência da visão, a audição, a propriocepção e o tato são modalidades sensórias empregues na formação da IC, sendo o tato, de fundamental importância por concretizar a



existência de pessoas e objetos (MORGADO et al., 2017). Com efeito, a pessoa com deficiência visual acaba explorando outros sentidos para conhecer e compreender a si próprio, buscando assim novos meios de se resignificarem a sua realidade, como a prática de exercício físico (MARMELEIRA et al., 2018).

A prática de atividade física (AF) proporciona inúmeros benefícios. Segundo Souza (2011), a AF contribui para uma melhora na saúde e na funcionalidade do corpo, melhorando o desenvolvimento das habilidades motoras e produzindo independência, determinação e aumentando a autoestima. Ainda, a AF influencia diretamente na qualidade e no estilo de vida de pessoas com ou sem deficiência.

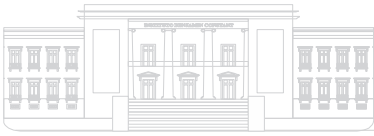
Em oposição, a ausência da prática de AF pode ser prejudicial para o indivíduo com deficiência visual (MARMELEIRA et al., 2018). Assim, estimular, incentivar e promover o exercício físico entre esse público é de fundamental importância para que não ocorra, desvios, atrasos e dificuldade na aquisição de habilidades sensório motoras (SOUZA, 2011). Para Marmeleira et al. (2018), a prática de esportes é importante na reconstrução da IC pela pessoa com deficiência visual, na medida em que permite a descoberta do corpo, de suas possibilidades, limites e potencialidades.

As pessoas com deficiência, no geral, realizam menos atividades físicas quando comparadas a pessoas sem deficiência. Nestes meandros têm surgido investigações mais minuciosas para identificar quais fatores comportamentais e ambientais são responsáveis pelos hábitos de AF dessa população específica (MARMELEIRA et al., 2018).

Nahas (2010) ressalta que independente da natureza da deficiência (física, mental ou sensorial), as pessoas com deficiência tendem a ser menos ativas fisicamente, porém, possuem as mesmas necessidades na prevenção de doenças e incremento da qualidade de vida. A prática de AF promove o bem-estar de forma geral, além de minimizar os sintomas de ansiedade e depressão que interferem de forma negativa na saúde das pessoas (NAHAS, 2010).

A pequena participação da maioria das pessoas com deficiência visual na prática de AF deve-se, também, a fatores como: a barreira pessoal (a percepção de fragilidade, a severidade da deficiência, a motivação e a idade); ambientais (alguns espaços são inapropriados para a locomoção) e também por não existir oferta de atividades físicas estruturadas para esta população. Este conjunto de fatores influencia o sedentarismo dessa população (MARMELEIRA et al., 2018).

A formação da IC contribui na construção da própria identidade. Como resultado, podem surgir pensamentos e sentimentos positivos ou negativos. Quando os pensamentos não



são positivos, frutos de uma preocupação exacerbada com o corpo e a estética, podem levar a formação de uma IC negativa, criando chances de desencadear possíveis transtornos alimentares, baixa autoestima e até mesmo depressão.

Diante da importância da percepção da IC e sabendo que um dos grandes auxiliares na formação da percepção da IC pode ser a visão, indagou-se sobre a percepção corporal daqueles que não possuem um dos principais sentidos para a formação dessa imagem. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar a influência da AF na autopercepção da IC de pessoas com deficiência visual. Portanto, foi hipotetizado, que a prática de AF entre os indivíduos com deficiência visual proporciona satisfação e autopercepção da imagem corporal entre aqueles indivíduos que a praticam.

2. Metodologia

A pesquisa foi do tipo descritiva, com corte transversal e abordagem quantitativa. Segundo Gil (2010), pesquisa descritiva é aquela que tem por objetivo estudar as características de um grupo. A amostra foi composta por 32 indivíduos com deficiência visual atendidos pela Instituição de Teresina-PI. A instituição é classificada como uma entidade filantrópica que oportuniza a pessoas com deficiência visual o processo de alfabetização, o ensino do Sistema Braille, atividades de esporte, lazer e cultura.

A amostra foi selecionada de forma não probabilística, por conveniência, utilizando os seguintes critérios de inclusão: indivíduos de ambos os sexos que tivessem somente a deficiência visual (cegos ou baixa visão); praticantes ou não praticantes de AF, e que tivessem idade acima de 18 anos.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí sob o parecer de número 3.545.749. Inicialmente, foi agendada uma reunião com o coordenador da Instituição para que fosse apresentado o propósito da pesquisa. Após a autorização por meio do Termo Institucional, foi apresentado a todos os sujeitos componentes do grupo da pesquisa que aceitaram participar do estudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após esta etapa, foi aplicado um questionário semiestruturado, adaptado de questionários utilizados por França e Azevedo (2003) e Cooper *et al.* (1987) *Body Shape Questionnaire* (BSQ), versão portuguesa e adaptada em algumas questões para o público em questão. Na aplicação, o instrumento foi lido em voz alta. Em seguida, foi aplicado a Escala de Silhuetas de



Stunkard, Sørensen e Schulsiger (1983), de forma adaptada às pessoas com deficiência visual. A adaptação ocorreu da seguinte forma: foi impressa a imagem da Escala de Silhuetas em um papel A3 para que a imagem tivesse um tamanho adequado para ser colocada uma texturização em torno de cada silhueta. Essa texturização foi realizada por meio de uma linha de crochê formando uma superfície de alto relevo para facilitar o reconhecimento e a percepção tátil das pessoas com deficiência visual. Foi elaborado, com nove silhuetas, uma escala para cada sexo, com formas corporais que variam do mais magro ao obeso. A coleta de dados teve duração de sete dias, ocorrendo nos turnos da manhã e tarde.

Para as pessoas com deficiência visual torna-se relevante a adaptação e criação de materiais táteis e tridimensionais, que possam possibilitar a comunicação do mesmo com o mundo e facilitar a formação de imagens mentais (MORGADO; FERREIRA, 2011). As informações transmitidas por objetos tridimensionais podem ser mais facilmente compreendidas por pessoas com deficiência visual, no entanto, por restrições da pesquisa, foi utilizada a Escala de Silhuetas adaptada.

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e do teste de qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% e as análises foram realizadas no software STATA 12.0.

3. Resultados e discussão

O presente estudo avaliou 32 pessoas com deficiência visual, sendo que 50% eram do sexo masculino e 50% do sexo feminino. A Tabela 1 apresenta as informações referente a caracterização da amostra.

Tabela 1. Caracterização da amostra: média, desvio padrão, valor máximo e valor mínimo das variáveis idade e peso dos indivíduos pesquisados

| Variáveis | Média | Desvio padrão | Valor mínimo | Valor máximo |
|-----------|-------|---------------|--------------|--------------|
| Idade | 36,21 | ±14 | 18 | 63 |
| Peso | 66,31 | ±13,31 | 39 | 95 |

Fonte: Autoria própria (2018).

Como podemos observar na tabela 1, a média de idade foi de $36,21 \pm 14$ anos, variando entre 18 e 63 anos, escolhidas por conveniência. Já o peso obteve uma média de 66,2 com valor mínimo de 39 e máximo de 95.



A Tabela 2 apresenta estatísticas quanto à prática de atividades físicas para os indivíduos participantes da pesquisa, indicando que menos da metade dos participantes pratica atividade física e destacando quais as modalidades mais praticadas.

Tabela 2. Variáveis relacionadas à prática de atividade física (PAF) dos indivíduos pesquisados. Teresina, 2018

| Variáveis relacionadas à PAF | n | % |
|--|----|-------|
| Prática alguma atividade física | | |
| Sim | 10 | 31,25 |
| Não | 22 | 68,75 |
| Modalidade de atividade praticada | | |
| Academia e futebol de cinco | 01 | 3,13 |
| Aula prática de educação física | 01 | 3,12 |
| Caminhada | 02 | 6,25 |
| Futebol de Cinco | 03 | 9,38 |
| Musculação | 02 | 6,25 |
| Pedala bicicleta | 01 | 3,12 |
| Frequência semanal | | |
| 2 vezes por semana | 04 | 12,50 |
| 3 vezes por semana | 01 | 3,13 |
| 4 vezes por semana | 01 | 3,13 |
| 5 vezes por semana | 03 | 9,38 |
| 6 vezes por semana | 01 | 3,13 |
| Tempo de prática da AF | | |
| 01 mês a 06 meses | 01 | 3,13 |
| Acima de 12 meses | 09 | 28,13 |

Fonte: Autoria própria (2018).

Quanto ao elevado percentual de sedentários encontrados neste estudo, na maioria dos participantes, resultados similares foram encontrados em pesquisa realizada com pessoas com deficiência visual realizada por Silva, Marques e Reichert (2018). No estudo, os entrevistados responderam um questionário e usaram acelerômetro para medir a AF, sendo observado baixo nível de AF, sendo esses indivíduos considerados inativos fisicamente. A principal dificuldade apontada foi o medo de sair de casa (SILVA; MARQUES; REICHERT, 2018)

Dentre as modalidades praticadas pelos participantes da pesquisa, o futebol de cinco foi o que obteve o maior percentual de prática. É um esporte exclusivo para cegos segundo a CBDV (Confederação Brasileira de Desporto para Deficientes Visuais), além de ser oferecido



pela instituição a qual os participantes frequentam. Vale ressaltar que além do futebol de cinco, outros esportes são praticados por pessoas com deficiência visual como *goalball*, natação e atletismo. Souza (2011) ressalta que o esporte adaptado deve ser visto como uma alternativa lúdica e mais prazerosa, fazendo parte do processo de reabilitação das pessoas com deficiência visual.

A tabela 3 mostra a resposta dos avaliados quanto “a satisfação e aceitação do corpo”.

Tabela 3. Variáveis relacionadas à satisfação e aceitação do corpo dos indivíduos pesquisados

| Variáveis relacionadas à satisfação e aceitação do corpo dos indivíduos pesquisados | n | % |
|--|----------|----------|
| Você se sente bem com o seu corpo | | |
| Nunca | 22 | 68,75 |
| Sempre | 01 | 3,13 |
| Às vezes | 09 | 28,13 |
| Você gostaria de ter um corpo diferente do que você tem | | |
| Nunca | 01 | 3,13 |
| Sempre | 22 | 68,75 |
| Às vezes | 09 | 28,13 |
| Você tem vergonha do seu corpo | | |
| Nunca | 08 | 25,00 |
| Sempre | 06 | 18,75 |
| Às vezes | 18 | 56,25 |

Fonte: Autoria própria (2018).

A insatisfação com o próprio corpo pode estar relacionada com as influências que a pessoa com deficiência visual pode sofrer de família, amigos, mídia e sociedade. Por não possuir o sentido da visão, as influências citadas podem ganhar grande relevância na construção da autopercepção da IC.

No estudo de Peres *et al.* (2015), onde o objetivo foi verificar a insatisfação com a IC de 45 sujeitos com cegueira congênita e adquirida, os resultados mostraram que 24,4% das pessoas com deficiência visual manifestaram insatisfação com a IC, apresentando resultados divergentes da presente pesquisa onde a maioria dos participantes apresentou insatisfação com sua IC.

O estudo de Morgado *et al.* (2019) aponta alusões negativas e positivas da deficiência visual, tratando de diferentes aspectos relacionados a IC, como aspectos psicossociais, sexualidade, experiências corporais diversas, entre outras, que de alguma forma contribuem para o



desenvolvimento da IC. A característica e estilo de vida de cada sujeito podem definir a dimensão e direção do impacto, se positivo ou negativo. Para Morgado *et al.* (2019), existe uma relação forte do meio com a formulação da IC para os indivíduos.

Corroborando com isso, Souza e Nascimento (2019) afirmam que tanto a relação com o outro, como com o meio e o espaço, influenciam a formação da IC. Portanto, essas influências, quando impõem o culto ao corpo perfeito, acabam contribuindo para a formação de uma IC negativa, levando o indivíduo a insatisfação.

Observou-se que um elevado percentual dos avaliados tem “às vezes” vergonha do seu próprio corpo. Pessoas com deficiência visual tendem a comparar seus corpos com os modelos expostos na mídia e, quando percebem discrepâncias, desenvolvem pensamentos negativos sobre seus próprios corpos (POSAVAC; POSAVAC, 2002; BERGSTROM; NEIGHBORS; MALHEIM, 2009). Em decorrência das distorções na auto percepção, esses indivíduos podem sentir insatisfação com o próprio corpo, desconforto, vergonha, e até mesmo ter repugnância em relação a sua própria aparência. Observa-se, também, diante dessa possibilidade, a importância do acompanhamento psicológico, que trabalhe esse descontentamento com a IC.

Analisando a Tabela 4, foi possível perceber que a maioria das pessoas com deficiência visual conseguem perceber e se preocupar com as mudanças que ocorrem em seu corpo.

Tabela 4. Variáveis relacionadas às mudanças do corpo dos indivíduos pesquisados. Teresina, 2018

| Variáveis relacionadas às mudanças do corpo dos indivíduos pesquisados. | n | % |
|---|----|-------|
| Você percebe as mudanças em seu corpo | | |
| Nunca | 01 | 3,13 |
| Sempre | 27 | 84,38 |
| Às vezes | 04 | 12,50 |
| Você se preocupa com as mudanças que ocorrem em seu corpo | | |
| Sempre | 24 | 75,00 |
| Às vezes | 08 | 25,00 |

Fonte: Autoria própria (2018).

Segundo Morgado *et al.* (2019), a produção das imagens é influenciada por outros estímulos que não são visuais. Dessa forma, as pessoas com deficiência visual ficam mais dependentes das demais informações sensoriais (auditivas, táteis) que o corpo oferece para que



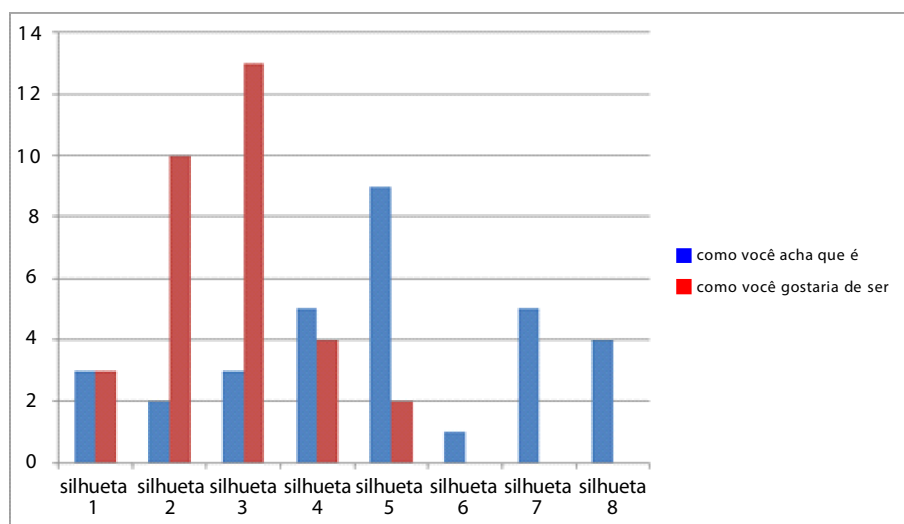
as mesmas consigam construir sua IC. De certa forma, os indivíduos pesquisados nesse estudo, que afirmaram se preocupar com essas mudanças corporais, podem também se preocupar com sua aparência e também com sua saúde, tanto física como mental.

A pesquisa de Kaplan-Myrth (2000) vai de acordo com o presente estudo, ao identificar que embora as pessoas com cegueira não recebam feedback visual de seus corpos, elas são normalmente muito preocupadas com sua aparência.

O autor afirma que os sons, os cheiros e a beleza “tátil” são importantes fontes de informação sobre a aparência para as pessoas que não enxergam, concluindo que na formulação da imagem corporal, as pessoas com cegueira congênita possuem acentuada preocupação com sua aparência e colocam pouca ênfase em suas experiências corporais.

A Figura 1 apresenta a caracterização através da escala de silhueta real e desejada em indivíduos com deficiência visual. Ao avaliar a autopercepção da IC por meio da escala de silhuetas, 87,50% estavam insatisfeitos com sua imagem.

Figura 1. Caracterização representada pela a escolha da silhueta real e desejada, pelos indivíduos pesquisados. Teresina 2018



Fonte: Autoria própria (2018).

Observa-se que a maioria dos pesquisados estava insatisfeitos pelo excesso peso e gostariam de ser mais magros. Esses dados não corroboram com os resultados do estudo de Peres *et al.* (2015), no qual a maioria da amostra (75,6%) não demonstrou insatisfação com o próprio corpo. Além desse, outros estudos também reforçam os dados da baixa insatisfação corporal entre pessoas com deficiência visual (ASHIKALI; DITTMAR, 2010; INTERDONATO; GREGOUL, 2009; FRANÇA; AZEVEDO, 2003). Uma possível justificativa para esse baixo percentual é



que a incapacidade de enxergar diminui a comparação do próprio corpo com aqueles estabelecidos socialmente com a mídia (ASHIKALI; DITTMAR, 2010).

A Tabela 5 apresenta os percentuais de indivíduos satisfeitos e insatisfeitos, separados por sexo, quanto a satisfação de autopercepção de IC.

Ao associar a autopercepção da IC e o sexo, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,3$), porém o percentual de mulheres insatisfeitas foi maior (93,75%) do que o dos homens (81,25%). Tabela 5.

Tabela 5. Associação entre o sexo e satisfação da imagem corporal dos indivíduos pesquisados

| | Autopercepção com a imagem corporal | | | | p |
|-----------|-------------------------------------|-------|------------|-------|-----|
| | Insatisfeito | | Satisfeito | | |
| Sexo | n | % | n | % | |
| Feminino | 5 | 93,75 | 01 | 6,25 | |
| Masculino | 3 | 81,25 | 03 | 18,75 | 0,3 |

Fonte: Autoria própria (2018).

A tabela 5 mostrou que os participantes, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, estão insatisfeitos com sua IC. A insatisfação da IC entre os deficientes visuais também foi mostrada no estudo de Benvenuti *et al.* (2018), que por meio de uma entrevista com questionário investigou a percepção, a satisfação da IC e o autocuidado nutricional em pessoas com deficiência visual. A pesquisa foi realizada com 51 participantes, sendo que **41%** dos entrevistados se mostraram insatisfeitos com a IC, apresentando resultados de insatisfação inferiores ao encontrados neste estudo.

Mesmo não apresentando significância estatística, os resultados mostraram que ambos os sexos apresentaram percentuais elevados na categoria “insatisfeito”. Pesquisa que corrobora com a nossa foi realizada por Macedo *et al.* (2019) e mostrou uma grande insatisfação relatada pela maioria dos homens, totalizando 78%. Estudo de Souza (2011) também corrobora com o nosso estudo, pois ao analisarem pessoas fisicamente ativas, apresentaram um percentual elevado de insatisfação com a IC em homens (82%).

Peres *et al.* (2019) não verificou uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos no que diz respeito a insatisfação com a IC, mas observou um discreto aumento de insatisfação no relato de mulheres quando comparado com homens, assim como neste estudo.



Na tabela 6 é apresentada a associação entre a prática de AF e a satisfação com a IC.

Tabela 6. Associação entre praticantes e não praticantes de atividade física e o nível de satisfação da imagem corporal dos indivíduos pesquisados

| Prática de atividade física | Autopercepção com a imagem corporal | | | | p |
|-----------------------------|-------------------------------------|-------|------------|-------|-----|
| | Insatisfeito | | Satisfeito | | |
| | n | % | n | % | |
| Não | 0 | 90,91 | 2 | 9,09 | |
| Sim | 8 | 80,00 | 2 | 20,00 | 0,4 |

Fonte: Autoria própria (2018).

Apesar de não ter associação estatisticamente significativa, os dados apontam que quem não faz AF apresentou um percentual mais elevado de insatisfação. No entanto, por conta do tamanho pequeno da amostra, testes com amostras maiores são indicados para análises mais conclusivas. Em adição, embora não tenham sido encontradas diferenças significativas entre a prática de AF e insatisfação com a IC, sabe-se que ela tem influência positiva no bem-estar das pessoas e, conseqüentemente, no modo como elas percebem seu corpo.

Além da AF, outros fatores (psicológicos, sociais e culturais) podem influenciar na construção da imagem corporal do indivíduo. Para Morgado *et al.*, (2017) no entendimento biopsicossocial, na área da imagem corporal, a deficiência visual é vista como um fenômeno multidimensional, juntamente construído no corpo e nas relações sociais.

Outras variáveis influenciam nessa percepção de corpo, como a questão alimentar, faixa etária, classe social, nível de instrução e classificação de deficiência visual. Variáveis estas que não foram investigadas neste estudo e que podem estar relacionadas diretamente com os resultados da pesquisa.

4. Conclusão

A maioria das pessoas com deficiência visual analisadas está insatisfeita com sua IC e não praticava AF. Além disso, não foi observada associação entre IC e prática de AF ou sexo dos participantes.

Dentro das limitações do presente estudo, podemos destacar o tamanho amostral. Assim, são necessários novos estudos com esse grupo, para que se possa aprofundar o conhecimento nessa área de investigação. Além disso, os indivíduos da pesquisa podem não ser



representativos do universo de pessoas com deficiência visual, pois eram associadas à mesma instituição especializada em deficiência visual.

As características positivas desta pesquisa estão relacionadas à sua importante contribuição para o conhecimento de um tema ainda pouco estudado na literatura internacional e brasileira. Destaca-se que as informações recolhidas podem servir de suporte para discussão de medidas apropriadas para promoção da atividade física em pessoas com deficiência visual relacionando a autopercepção da imagem corporal.

Sugere-se que novos estudos com pessoas com deficiência visual sejam conduzidos, estudando a construção de suas IC, investigando acerca de como este público se percebe no mundo e se essa percepção traz influências no seu dia a dia, abrangendo variáveis como a prática de AF, socialização, a propriocepção, já que estes são temas expressivos, presentes na nossa realidade, de forma a contribuir para uma melhor qualidade de vida dessas pessoas.

Referências

ACIEM, Tânia Medeiros; MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Autonomia pessoal e social de pessoas com deficiência visual após reabilitação. *Revista Brasileira Oftalmológica*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 4, p. 261-267, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbof/v72n4/11.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

ASHIKALI, Eleni Marina.; DITTMAR, Helga. Body image and restrained eating in blind and sighted women: A preliminary study. *Body Image*, v. 7, n. 2, p. 172-175, jan. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/41578081_Body_image_and_restrained_eating_in_blind_and_sighted_women_A_preliminary_study. Acesso em: 29 nov. 2020.

BENVENUTTI, Silmaria. *et al.* Estado nutricional e percepção sensorial de adultos e idosos com deficiência visual. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo, v. 12, n. 70, p. 205-212, 2018. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/IBPEFEX-2_17e773ea8e3c25c56b0ed6ed70046717. Acesso em: 29 nov. 2020.

BERGSTROM, Rochelle L.; NEIGHBORS, Clayton.; MALHEIM, Jeremy. E. Media comparisons and threats to body image: Seeking evidence of self-affirmation. *Journal of Social and Clinical Psychology*, v. 28, n. 2, p. 264-280, 2009. Disponível em <https://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/jscp.2009.28.2.264>. Acesso em: 29 nov. 2020.



- COOPER, P. J. *et al.* The development and validation of the Body Shape Questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*, v. 6, n. 4, p. 485-494, 1987. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(198707\)6:4%3C485::AID-EAT2260060405%3E3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/1098-108X(198707)6:4%3C485::AID-EAT2260060405%3E3.0.CO;2-O). Acesso em: 29 nov. 2020.
- FRANÇA, Dalva Nazaré Ornelas; AZEVEDO, Eliane Elisa de Souza e. Imagem corporal e sexualidade de adolescentes com cegueira, alunos de uma escola pública especial em Feira de Santana/Bahia. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 176-184, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/viewFile/4284/3146>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- GAIARSA, José Ângelo. O corpo fala. *Motriz*, v. 8, n. 3, p. 85-90, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n3/Gaiarsa.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- INTERDONATO, Giovanna Carla; GREGOUL, Márcia. Auto-análise da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual sedentários e fisicamente ativos. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Campinas, v. 7, n. 3, p. 1-13, set./dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v7i3.8637764>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- MACEDO, Joyce Lopes. *et al.* Prevalência de insatisfação corporal em praticantes de atividade física. *RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, São Paulo, v. 13, n. 81, p. 617-623, 2019. Disponível em: <http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/1397>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- MARMELEIRA, José Francisco Filipe. *et al.* Barreiras para a prática de atividade física em pessoas com deficiência visual. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 197-204, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.12.001>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- MARTINS, Nathália Alonso; BERT, Fernanda Simões Risco; BORGES, Grasiely Faccin. Um olhar sobre a deficiência visual e a prática de atividade física ao longo da vida. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 339-358, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/35800>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- MORAES, Núbia de Souza de; MIRANDA, Valter Paulo Neves; PRIORE, Sílvia Eloiza. Imagem corporal de adolescentes do sexo feminino e sua associação à composição corporal e ao comportamento sedentário. *Ciência & Saúde Coletiva*, Brasília, v. 23, n. 8, p. 2693-2703, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n8/2693-2703/>. Acesso em: 29 nov. 2020.



- MORGADO, Fabiane Frota da Rocha. *et al.* Implicações da cegueira congênita na imagem corporal: uma revisão integrativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 35, e35415, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v35/1806-3446-ptp-35-e35415.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- MORGADO, Fabiane Frota da Rocha; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Adaptação de Escalas de Silhuetas Bidimensionais e Tridimensionais para o deficiente visual. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, p. 21-36, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000100003>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- MORGADO, Fabiane Frota da Rocha *et al.* Representações Sociais sobre a Deficiência: Perspectivas de Alunos de Educação Física Escolar. *Revista Brasileira Educação Especial*, Marília, v. 23, n. 2, p.245-260, abr./jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382317000200007>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- NAHAS, Markus V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 5. ed. rev. e atual. Londrina: Midiograf, 2010.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 1997.
- PERES, Raquel Jacintho. *et al.* Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 362-366, out./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.08.013>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- POSAVAC, Steven S.; POSAVAC, Heidi D. Predictors of women's concern with body weight: the roles of perceived self-media ideal discrepancies and self-esteem. *Eating disorders*, v. 10, n. 2, p. 153-160, 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1002/erv.462>. Acesso em: 29 nov. 2020.p
- SILVA, Rafael Barbosa Porcellis da. MARQUES, Alexandre Carriconde; REICHERT, Felipe Fossati. Objectively measured physical activity in Brazilians with visual impairment: description and associated factors. *Disabil and Rehabilitation*, v. 40, n. 18, p. 2131–2137, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638288.2017.1327984>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- SILVA, Rita de Fátima da.; VENDITTI JÚNIOR, Rubens; MILLER, Jussara. Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder: Contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 10, n. 68, p. 1, ene. 2004. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd68/schilder.htm>. Acesso em: 29 nov. 2020.



SOUZA, Fernando Mesquita de. Futebol de 5 na reabilitação do cego. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 16, n. 162, p. 1, nov. 2011. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd162/futebol-de-5-na-reabilitacao-do-cego.htm>. Acesso em: 29 nov. 2020.

STUNKARD, A. J.; SØRENSEN, T.; SCHULSIGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: KETY, S. et al. (eds). *The genetics of neurological and psychiatric disorders*. New York: Raven Press, 1983. p. 115-120.

SOUZA, Sweder; NASCIMENTO, Juscelino. Inclusão, interação e deficiência visual: um relato de duas experiências no processo de ensino-aprendizagem com cegos. *Revista X*, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 322-339, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66061>. Acesso em: 29 nov. 2020.

TINOCO, Bianca Corrêa. et al. Princesas Disney: a influência dos padrões de beleza na exibição das personagens em campanhas publicitárias In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18., 2016, Caruaru. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/regional/resumos/R52-1333-1.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

Recebido em: 7.10.2021

Revisado em: 21.11.2021

Aprovado em: 24.11.2021